

Jo. Victor Blum

Rua Esteves Juniors

O CLARÃO

desta

ORGÃO DE COMBATE, LEGALMENTE CONSTITUIDO

ESTADO DE SANTA CATHARINA

FLORIANOPOLIS

BRAZIL

ANNO I

SABBADO 6, DE JULHO DE 1912

NUM. 46

EXPEDIENTE

Assignatura mensal, Capital 600 rs.
» » interior. 700 »

Prevenimos aos nossos assignantes que a datar do mez de Abril findo em deante, o pagamento da assignatura e toda a correspondencia deverá ser deregida á rua JOSE' JACQUES N. 13 e não á rua Republica n. 2.

Avisamos aos nossos dedicados leitores que o nosso jornal o «Clarão», desta data em diante, será vendido todos os dias das 6 horas da manhã ás 3 da tarde, na banca n. 1 pertencente ao Sr. Agostinho, no Mercado desta Capital.

MAIS UMA

O Padre Zoller, continúa a affrontar ao povo catharinense, a sociedade e em fim toda a nação, do pulpito da Igreja da Nossa Senhora do Parto.

Ultimamente faltando-lhe mais asneiras para o vasto repertorio de que usa, disse o atrevido orador: «que os paes de familia não devem consentir que seus filhos, saiam com as irmãs na rua, porque é um perigo, é uma tentação».

A pessoa que nos contou e que ouviu é merecedor de toda a confiança; e com ella muitissimas pessoas todas as que estavam no templo, também affirmam.

Vejam só! Nós, não podemos sair mais a rua com nossas irmãs! Ora essa; então esse padre sem escrupulos no fallar, pensa que os leigos que nós, somos padres?

Então como se explica isso? Quer elle dizer que um irmão, não sabe respeitar a honra de sua propria irmã? E o povo que ouve isso emudece? Porque não se alvantaram mesmo dentro da Igreja, todas as que estavam lá, em protestos? Deviam mesmo pelo amor proprio de cada um, esperar o Sr. Zoller na rua e pedir uma reparação da infamia que teve o atrevimento de dizer. Mas tudo isso e ainda mais elle dirá; porque? Porque esse povo é um povo carneiro, tolo e ignorante, que ainda perde o seu tempo em ouvir essas asneiras e malcriações d'uma pessoa insocial.

Só mesmo a vara de marmelo que se ensinará esse pessoal que assim offendem a nós, ao nosso brio, a nossa dignidade e até a propria

honra de nossas irmãs!

Então povo? Podeis consentir tamanha affronta? Não; é preciso que esse jesuita retire as palavras infamantes e insultuosas que profiriu.

CA' E LA'

No longuiquio Estado de Matto-Grosso, «appareceu por entre palmas ruidosas de um applauso geral «A Nova Epoca,» revista «creada sob os auspicios do dr. Presidente do Estado e do seu Secretario da Fazenda.»

E' bem cuidada no trabalho da arte typographica e collaborada pelas «melhores pennas da Capital,» segundo diz a nossa collega «Imprensa.»

Apresentamos nossas saudações e que nos de o prazer de permutarmos.

—§—

PARA ESCLARECIMENTO DO POVO

O § 7.º do art. 72 da Constituição Brasileira que nos rege, diz o seguinte:—Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção official, nem terá relações de dependencia, ou alliança, com o governo da União, ou o dos Estados.

—o—

O NOSSO BOLETIM

Conforme nossa palavra de honra, dada ao povo, para que se faça luz sobre o mysterioso caso da «Irmã Julieta» fizemos distribuir segunda-feira 1000 boletins os quaes tiveram grande acentuação no publico. Todos anciosos, procuravam o distribuidor e com a maxima attenção liam e commentavam, o que estampamos.

Muitissimos chefes de familias, sympathisando-se com o nosso jornalsinho, pelo modo com que tem sempre aclarado esses factos que a nossa imprensa cega e muda não liga, fizeram-se assignantes nossos; é como uma adhsão dos homens honrados, que sabendo que o nosso fim é fazer luz onde ha escuro, vem assim em nosso auxilio, sem que o peçamos, como fazem aqui os outros jornaes.

Nós, continuamos em averiguações e não esmoreceremos.

Eis o boletim alludido, a seguir.

BOLETIM DO **O CLARÃO**

FIAT LUX

DESMASCARADOS

O Sr. Leonel Heleodoro da Luz, pessoa muito conhecida e muito conceituada no nosso meio social, forneceu nos os seguintes esclarecimentos sobre o caso da Irmã Julieta, que foi a sua casa offerecer-se como criada, dando o nome de Helena:

No dia 15 de Junho appareceu na casa de seu filho capitão tenente Leodegardo Luz, residente nos Coqueiros, uma allemã, de vestido de chita, procurando aluguel.

O Sr. Leodegardo disse-lhe que justamente na occasião precisava de uma criada para os arranjos domesticos.

A allemã perguntou quanto pagava, sendo-lhe respondido que 10\$, 12\$, ou 15\$ conforme as aptidões da criada.

A allemã aceitou o aluguel de 10\$.

O Sr. Leodegardo perguntou-lhe a sua procedencia, e ella declarou:—«que viera de Blumenau com seu pai doente; que os dois fôram admitidos no Hospital de Caridade, onde ella soffrera uma pequena operação em um ouvido; que se chamava Helena; que tendo fallecido o pai, e não conhecendo ninguem na capital, procurava aluguel na roça onde estava mais habituada a viver.»

O Sr. Leodegardo admittio-a ao seu serviço.

A nova criada parecia adivinhar os pensamentos da dona da casa, que tanto se agradou d'ella, que tencionava leval-a consigo quando fosse para o Rio de Janeiro.

A 18 de Junho estava de visita em casa da do Sr. Leodegardo a familia do Sr. Coronel José Vaz; a filha d'este reconheceu na criada a Irmã Julieta professora de piano do collegio do Sagrado Coração, e communicou o facto ao Sr. Leodegardo, que não acreditou.

No dia 19 a supposta Helena communicou ao Sr. Leodegardo que recebera um cartão em que lhe noticiavão a morte de sua cunhada em Pelotas, e perguntou quando havia vapor para o sul, ao que lhe foi respondido que ás terças-feiras havia sempre vapor para o sul.

No dia 20 appareceu em casa do Sr. Leonel Luz uma criada do collegio do Sagrado Coração e disse que precisava fallar com a emprega-

da. Teve em resposta que ali não havia empregada alguma.

Ella mostrou-se admirada e perguntou onde estava uma allemã. Foi-lhe respondido que estava na casa do Sr. capitão tenente Leodegardo, como criada.

Immediatamente a criada do collegio dirigiu-se para a casa onde estava a supposta Helena e depois de conversarem muito tempo em allemão, disse á dona da casa—que era muito amiga de Helena e que o irmão d'ella residente em Lages mandára conducção para Helena regressar para casa paterna.

Saihiram ambas da casa do Sr. Leodegardo; a criada do collegio voltou para a capital e a supposta Helena tomou o carro do Sr. João Barbosa e seguiu para Santo Amaro, pagando 15\$ de frete.

Agora os commentarios.

A madre abbadessa não disse na carta que escreveu a «Folha do Commercio» nem o nome da familia de Julieta (ou Helena) nem o lugar da sua residencia.

Helena (ou Julieta) disse que viera de Blumenau. A mesma Julieta (ou Helena) disse que lhe tinha morrido uma cunhada em Pelotas e que ia seguir para o sul.

A criada do Collegio disse que o irmão de Julieta (ou Helena) mandara de Lages conducção para ella recolhe-se a casa paterna,

Julieta (ou Helena) ainda disse que estivera no Hospital com o pai e que o pai ali morrera.

Tudo isso é mentira, tudo é falso.

A familia de Julieta reside no Indayal. O pai não morreu agora mas ha 4 ou 5 annos, e chamava se Enghel.

Julieta não é noviça, é professora na Providencia divina

Mentio, pois, a madre abbadessa quando disse o contrario. Para provar que era professora basta dizer que ella levava numa trouxa o vestuario completo de freira, e calçado de freira—3 pares de sapatos, inclusive um par de galochas!

Mentio a madre abbadessa quando disse que ella fugio do collegio. Quem lhe forneceu o vestido de chita com que se apresentou em casa do Sr. Leodegardo?

Tudo isso é um mysterio muito parecido com

o de Idalina no Orphanato de S. Paulo, e a policia compete syndicar dos factos e por a limpo a questão. Porque se fallar em Blumenau, em Lages, em Pelotas, em viagens feitas, quando Julieta d'aqui não sahio?

Está claro que talvez seja para perder-se a pista de um crime.

A LUZ DA VERDADE, AS TREVAS DESAPARECEM!

Si é uma verdade o que diz a Madre Amadea, —«ter a moça freira de nome Julieta, reconhecido não ter a vocação necessaria e resolvido de accôrdo com suas superiores SAHIR da Congregação da Divina Providencia;» como, e com que interesse foi a creada allemã do convento, a mandado da Superiora que tinha ACCORDADO em sua SAHIDA, buscal-a na casa do distincto cidadão Leonel Luz, onde tinha certeza de lá encontrar-a?!

Que indicação tão certa de que a freira Julieta tinha ido alugar-se n'essa casa?!

Que surpresa manifesta foi essa, que a creada tambem allemã, que a foi buscar, na dita casa do Sr. Leonel, deixou expressa na physionomia, ao saber que allí não estava allugada a allemã procurada?!

Porque essa creada do convento, que foi em seguida a casa do Sr. Capitão Tenente Leodegardo Luz e fallou com a Exma. Sra. do mesmo official, em idioma brasileiro, conversou por longo tempo, em allemão, com a supposta Helena, ou verdadeira freira Julieta?!

Como combinar a declaração da supposta Helena, feita no dia 15 de Junho de ter vindo de Blumenau com seu pai doente e entrado para o Hospital de Caridade, onde soffrera uma pequena operação no ouvido; com a declaração que a 19 fez, á Exma. Snra. dona da casa de haver recebido comunicação do fallecimento de sua cunhada, em

Pelotas; e ainda com a declaração, feita no dia seguinte (20), da creada da Congregação que após a longa conversação havida com Julieta, em allemão, dissera á dona da casa que o irmão de Julieta, residente em Lages, mandára conducção para a moça freira regressar a casa paterna?!

Ahi temos a mystificação!

Ahi vemos a discordancia das indicações da residencia dessa freira Julieta!

Ora veio de Blumenau; ora morrera sua cunhada em Pelotas, e perguntava quando haveria vapor para o Sul; finalmente, diz a creada que a fôra buscar—que o irmão de Julieta residente em Lages mandára conducção para ella regressar a casa paterna!!

A Sara. Abbadessa, tambem omitta em sua carta o logar da residencia da familia e até o nome da freira!

Que liberalidade é essa de Dona Madre abrir os cordeis da bolsa para despender algumas dezenas de mil réis com o pagamento da viagem d'essa moça freira aos láres paternos (ignorados), quando no seu Sagrado Coração de Jesus, cobra-se CEM REIS pela diminuta bolinha de algodão enfiada n'um palito e molhada em oleo de cravo, applicada ao dente de uma alumna?!

Esta deshumanidade, não se harmonisa com a liberalidade da despeza de uma viagem em que se emprega dezenas de mil réis!!

Nossos reflexos já descobriram a residencia da familia da freira Julieta e temos o nome do fallecido pae, o que não declaramos hoje para não embaraçar as deligencias da Policia, que forçosamente terá de desvendar esse mysterio que a Sociedade precisa ter esclarecimentos!

A freira Julieta conduzida em carro para o convento de Santo Amaro, ainda de lá não tinha sahido até o dia 27 ou 28 de Junho!

Não! isto não é um milagre que se impinge aos beocios! Não é uma assignatura do jornal Ave Maria, de S. Paulo, cuja assignatura é bastante para obter-se a cura da mais incuravel molestia, sem auxilio da sciencia medica!

A Luz

É LEI

A pessoa casada só no religioso, não está perante o publico, perante o povo e as leis, casada verdadeiramente.

A sociedade expulsa de seu seio, quem assim ousar affrontal-a.

A constituição igualmente offendida, não admittente; é portanto completamente illegal esse casamento sem valor, sem jurisdicção.

Infelizmente, aqui no Brasil, e mui particularmente em nosso Estado, graças aos mal dados e perniciosos conselhos que dos pulpitos atiram os padres aos que os ouvem, muitos são aquelles que por absurdos intoleiraveis e com o unico fim de illudir, a infeliz cega brasileira, que se nos apresenta com os olhos vendados, «a justiça», assim fazem, casando-se só no religioso, indo de encontro a ja mal trapilha constituição que nos rege.

S. José, cidade de nosso Estado é hoje o ponto onde se commette semelhante abusos.

Praças do exercito munidos de cartões de altas autoridades ecclesiasticas aqui domiciliadas, vão ali casar-se só religiosamente.

E, a pobre noiva que assim é illudida, está no caso de ver seu marido casar-se com outra, como aqui acaba-se de dar esse facto, que bem demonstra o que affirmo.

Para Canoinhas, seguiu um praça de policia que era casado no religioso com uma mocinha d'qui da capital.

Vindo agora de lá, encontrou sua deidade casada legalmente perante as leis civis brasileiras com um paisano residente tambem aqui.

E' um caso de bigamia?

Não, não e não. Ella está perante as leis, casada com esse ultimo, porque esse ultimo é seu verdadeiro marido; apezar dessa infidelidade, ella pôde dizer que agora, está casada: E, está.

E' lei. Está sob ella, a moça alludida.

Esse exemplo, pode bem servir aos tolos que

pensam ser o religioso, um casamento cujos laços são indissolúveis.

E para que sobre isso se faça luz, chamamos aos responsáveis, para tomarem conta do que se passa actualmente.

A Igreja (dos padres) rindo a custa dessa separação sem valor.

Justos

UMA FITA...

Sob este titulo «A Imprensa», de Cuyabá, capital de Matto-Grosso, commenta a visita que o padre João Balzola fez, em companhia de «vinte e tres bororós» (indios), para provar que os tinha catechisados!

Antes da chegada desse grande tartufo á capital daquelle Estado, «A Cruz», jornal da «boa imprensa» noticiára que o tal honzo viria acompanhado de «vinte e cinco» indios bororós, vindos todos das colonias, afim de trabalharem nas obras de uma igreja, etc...

«O Debate», que se publica tambem naquella capital, noticiou trez dias depois a visita do tal espertalhão em companhia de «vinte e tres» indios deixando de comparecer, explica «A Imprensa, dois «catechisados», por terem sido conhecidos proximos á Capital, por um grupo de rapazes que andavam a passeio.

Um dos rapazes, reconhecendo-os, saudou-os pelos nomes, dando logar ao tal «reverendissimo virtuoso discipulo de Christo», padre Balzola, a empallidecer e ficar atrapalhado, não refletindo na observação que fez ao rapaz, dizendo-lhe que, alli não havia indios do Caite (aldeia em que vivem habitualmente esses dous indios e que fica a vinte leguas desta capital no logar chamado Mimoso)», como escreve «A Imprensa».

Um dos indios chama-se José, que foi durante 4 annos camarada do sr. Frederico Augusto Correa da Costa, morador no logar chamado Recreio e o outro Antonio, foi tambem por muito tempo camarada do sr. Henrique Paes de Barros.

Eis como elles fazem a «catechese», contraem á Protecção aos Indios, por parte dos civis.

E assim lamberam muitos contos de reis do Governo Federal e Estadual, que nos parece, neste anno não estão dispostos a sustentar semelhante sucias de malandros.

—§—

CAVAÇÃO

O n. 36 do «Ave Maria», o mentiroso, explorador etc. etc. berra:

«Clero! circulos catholicos! jornaes catholicos! eis as trez instituições que avemos amparar, favorecer e propagar com mais carinho... São trez muralhas contra a corrupção, contra a impiedade, contra a anarchia que ameaça devastar o mundo.»

O bicho da concha esqueceu-se de gritar tambem: Cinemas catholicos! a muralha mais grossa para chamar os nikeis dos toleirões e deixal os a pão e agua enquanto os bispos, os conegos, os monsenhores e a demais fradalhada engordar como cevados.

E por fallar em cinemas catholicos.

Recommendamos ao Sr. Paschoal Simone o cinema que foi aberto nas visinhanças do Casino.

O Sr. Simone que verifique se a nova casa de negocio filial da Cathedral paga os impostos da lei. Como são dispensados de impostos e direitos todos os negocios dos padres, são capazes de dispensarem tambem o novo cinema.

Isso é um escandalo mas está em moda.

O Sr. Simone fica avisado; depois não grite: —Estou roubado!

Ora o clero ser muralha contra a corrupção!

Tem graça os homens de saias!

E as bandalheiras de que os jornaes todos os dias fallam, os defloramentos, as seducções e as Filhas de Maria e outras patifarias!

Isso não é corrupção, é virtude de que são propagadores os Faustinos, os Limpinsel, os Heredias e o resto da matilha de santos!

—o—

A RESPOSTA DE NOSSO CONCURSO

Porque o Brazil é um grande paiz e tem em relações a sua extensão territorial, poucos habitantes; e elles os padres e frades muito tem feito, pelo desenvolvimento do povoamento do solo; apesar de povoarem a terra com sementes divinas, como affirmou a «Epoca» jornaleco, absolutamente catholico, apostolico hypocrita.

—o—

S. JOSE' NO OCULO DA IGREJA

Quando se falla com algum ancião Josephense, ou com qualquer tia velha dessa cidade que são a sua tradição é que se vê o quanto sentio esse povo, na affronta que lhe fizeram os frades, atirando ao oculo da Igreja um santo velho e venerado, que ha muitissimos annos era o chefe da Matriz d'aquella cidade.

Dizem que um tal frade que é hoje o governador da infeliz terra Josephense, confessando uma senhora, e perguntando-a qual o peccado maior que ella tinha, esta respondeu-lhe que era, o de ter odio aos frades.

O fradinho estremeceu e disse-lhe. O que lhe fizemos nós?

Muito; tiraram o S. José do Altar e puzeram-no no oculo da Igreja; desde esse dia criei odio dos senhores.

Ah minha irmã; o santo estava velho e feio,

Ah! respondeu-lhe a Sra; então ja sei que os Srs tem por estylo de quando os vossos paes ja estão velhos e feios, pol-os na rua e chamar para dentro de casa um moço e bonito.?

Ah isso, não; mas, mas, e o frade, encabulou e absolveu-a logo.

Muito bem pensada, foi essa resposta conscienciosa da Sra. F.

Si todas pensassem assim e assim dissessem aos frades, elles absolveriam antes de confessar, para não lhe doer a consciencia.

Muito bem